

O Litoral Poveiro

Padre Manuel Amorim

O Litoral Poveiro

Padre Manuel Amorim*

I

Os lugares e os nomes:

A costa marítima do concelho da Póvoa de Varzim estende-se por oito Kms, aproximadamente. O tomo velho (1589) de Argivai, antiga paróquia da Póvoa de Varzim, aponta o limite daquela igreja com Vila do Conde da seguinte forma: “He de Regufe vai pello caminho abaixo atee ho mar onde está hua Pedra, que se chama Cabidello, a qual está no mar e tem em si hua Cruz, que serve tudo de marco” e continua com este esclarecimento importante: “ E declararão que este caminho, que vai todo asi, como hé termo da Póvoa, porque todo o termo da Póvoa fica limite da dita Igreja” A carta hidrográfica da enseada da Póvoa de Varzim apresenta o “Cabedello” como um conjunto de penedos divididos em cabedelo da terra e cabedelo do mar. A cruz que assinala o limite está no cabedelo do mar, no cabeço mais alto do penedo, o único que o mar não cobria na maré alta . Daqui, o limite litoral extingue-se noutra” pedra que está no mar a qual tem uma cruz, he está entre Ramalha e Couve, chamada Pedra do Mendo “ (tomo da Estela, 1700). Esta Pedra do Mendo marcava, desde a criação do Couto da Estela, a divisória com o couto da Apúlia, da casa de Bragança, hoje, do termo de Esposende. (fig.1)

Passamos agora a descrever a costa marítima no seu aspecto fisiográfico antigo para, de seguida, apresentarmos as alterações naturais e artificiais que, através dos tempos, se operaram modificando, significativamente, o seu “ fácies” .

Tendo como dado adquirido a acentuada descida da linha da maré e a cobertura de alguma penedia costeira, a investigação documental e material fornece-nos elementos curiosos sobre o diálogo do mar com o homem na construção do seu habitat. Atentemos no denominado Porto de Varzim onde o rei D. Dinis viu uma actividade interessante e protegeu através da criação da Póvoa. Trata-se de um porto natural formado por uma angra marítima onde desaguam, por um esteiro, os ribeiros que atravessam a Vila. O mar entrava francamente, pelo desaguadouro, nas marés vivas, e com ele as pequenas embarcações da pesca que se abrigavam na “bouça dos barcos” mesmo ao lado da Capela de S. Roque. A “Junqueira” formava-se por essas águas e outras que o “Rego” da Senra lá depositava. O “Esteiro” que passava em frente da porta de armas da Fortaleza e se estendia pelo areal, acabou por ser domesticado para um

* Paróquia de Beiriz - 4490 Póvoa do Varzim

canal que levava as suas águas ao mar. Sobre esse canal foi construída uma ponte, custeada por Santos Minho, no final do Sec. XIX, estabelecendo a ligação entre o Passeio Alegre e a Ribeira. Na maré-cheia, os barcos ultrapassavam a ponte e abrigavam-se no areal onde mais tarde se construiu o Casino.

Do Esteiro até ao lugar do Sinal da Vila (Séc. XVI) mais tarde designado por lugar do Facho, onde se construiu a Igreja da Lapa, assentavam os “Chãos d’areia” que mereceram, na segunda metade do Sec. XVIII, da parte da Câmara, uma intervenção de loteamento destinada a fixar a classe piscatória, em grande aumento, como lentamente aconteceu formando-se o Bairro Sul ou da Lapa. O maior aglomerado urbano e o mais típico daquela classe. Os topónimos “rua da areia”, hoje, 31 de Janeiro e “rua do Fieiro” registam a antiga natureza do local.

Avancemos para norte do Esteiro e do Paredão do mar. Estamos no sítio da Areosa que se estende a norte até ao Carvalhido limite antigo do termo da Póvoa com Barcelos. Este extenso areal aumentou bastante à beira mar, tanto pela descida deste como pelo assoreamento junto ao cais do norte, inclusivé, cobrindo alguma penedia. A Areosa pertencia ao usufruto dos pescadores e andava, permanentemente, coberto de varais que são as pequenas armações que sustentavam as redes estendidas para secarem e serem consertadas. Com o desenvolvimento dos Banhos do mar aparecem construções burguesas ao lado dos poucos casebres de pescadores, obrigando a Câmara a cordear uma ala fronteira ao areal limitando-o pelo nascente. Pela mesma razão, veio a instalar-se no meio do areal uma Capela em honra de S. José (1844) e mais tarde uma escola dedicada a Camões (1880). Esta suposta intromissão no domínio das pescarias ocasionou um longo pleito entre a Câmara e a Corporação dos pescadores a Real Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, que acabou vencida. Salvo a parte destinada aos banhistas, quase toda a Areosa foi ocupada pela construção de um recinto de lazer, o chamado Passeio Alegre. (fig.2)

A parte da costa destinada ao veraneio está sob a jurisdição do domínio público marítimo que, para efeitos de fiscalização, a dividiu em praias e lhe deu uma denominação oficial quase sempre coincidente com as designações tradicionais. As denominadas “Praias da Póvoa de Varzim” são: a do Leixão, do cais norte até ao Guarda-Sol (antiga Areosa); Redonda, do Guarda-Sol à esplanada do Carvalhido (antiga enseada da Regouça); a Salgueira, desde a Esplanada até à actual rotunda; da Lada atrás das piscinas da Sopete (antiga Gaiboteira), e da Lagoa, em frente ao Hotel Vermar no antigo território de Beiriz.

Todas estas praias são de areia grossa e algo declivosas correndo-lhes pelo mar extensa penedia como as pedras do Canteirão na enseada da Regouça e penedos do Coim sobre os quais foi construído o miradouro chamado Esplanada.

Outro tanto aconteceu com as Pedras Madres que ficaram, em parte, debaixo do Velódromo, uma das quais se chamava Pedra Homem e tinha nela inscrito o nome - Veiriz- indicativo do limite da Póvoa com aquela freguesia. Entrava da terra pelo mar dentro, nesse lugar, uma muito vasta penedia onde a mão do homem talhou resguardo para a criação de crustáceos, sobretudo, lagostas que ainda no princípio do Sec. XX eram exportadas em grande quantidade para a Espanha e a França.

O areal não se extinguiu na Areosa mas continuava pelo litoral fora ocupando, em alguns lugares, áreas consideráveis que, pouco a pouco, foram ocupadas pelo homem para sua habitação ou apoio à indústria da pesca ou da construção naval.

Vimos que, para norte da Areosa, seguia a praia da Regouça ou Regoiça, a primeira onde se praticavam os banhos do mar, e para acesso a essa praia se abriu, ainda no Séc. XVIII, uma rua com aquele nome e que ía para além do Carvalhido com casas pertencentes ao termo de Barcelos. Foi sobre esta rua antiga que depois de alargada, nasceu a rua dos Banhos (1846) que a prolongou até ao Ramalhão. Nos finais do Séc. XIX a rua dos Banhos é transformada na Avenida dos Banhos, que vai até ao Alto de Martin Vaz sendo alargada e pavimentada de novo, permitindo ao longo dela a construção de edifícios particulares muitos deles de famílias banhistas.

Ultrapassemos o Alto de Martin Vaz, um extenso afloramento de pedregulhos e areia onde foi escavado o campo de futebol do Varzim Sport Club, e se tornou conhecido pelas escavações arqueológicas de 1903 que puseram a descoberto estruturas identificadas como restos de uma “Villa Lusitano-Romana” e paremos junto à praia da Lagoa, para explicar o nome e a topografia do lugar. Há cem anos atrás não havia estrada que ligasse, pelo litoral, a Póvoa a Aver-o-Mar em virtude de um ribeiro que desagua quase ao nível do mar e por onde este entrava com as suas águas formando no inverno uma grande lagoa. Esta lagoa circundava, pelo nascente, as dunas e os morouços do Alto de Martin Vaz. As escavações arqueológicas detectaram as mádrias que conduziam ao mar as águas da lagoa vertentes para o Ramalhão. No princípio do século passado, sendo Presidente da Câmara o Barão de Aver-o-mar, construíram a estrada do litoral fazendo o ribeiro comunicar com o mar através de um aqueduto mais tarde substituído por uma entubação.

Subiu bastante a estrada e desceu, não menos, o mar, pelo que os terrenos da lagoa se transformaram em viçosos vergeis, até ao dia em que lá chegou o terrível homem urbano e transformou dunas e hortas em floresta de betão.

A Praia da Lagoa está dentro do antigo território da freguesia de Beiriz e nela recolhiam o sargaço os lavradores para fertilização das terras. Também lhes assistia o direito de raparem a penedia dos moluscos e bivalves.

Para além do ribeiro da Lagoa entramos em Aver-o-Mar, um antigo lugar da freguesia de Amorim em grande parte construído sobre o areal. A proximidade do mar, recamado de penedias, algáceo e piscoso, geraram aqui um tipo de homem que labora continuamente, ora na terra ora no mar, o agricultor-pescador. Instalou-se o mais perto do mar que pôde e quase não tem terra arável para cultivar, arrenda-a ou compra-a no interior para investir no seu tipo de amanhã, a seara ou seja a cultura da batata, da cebola, do alho e de hortaliças.

Os lugares de Paranho de Areia, Aldeia Nova, Boucinha, Finisterra, Caramuja, Paralheira, Quião, etc., desenvolveram-se sobre terraços de areia e os pequenos tratos de terra arável são fruto da laboriosa acção do abremarense.

Outrora, toda a praia desde a Lagoa até ao portinho da Fragosa se apelidava com este nome. Actualmente, por razões fiscais, está dividida em praia do Fragosinho e praia da Fragosa. Esta assenta sobre uma pequena angra, abrigada, com um farolim de enfiamento no seu areal. Todos os barcos de pesca de Aver-o-mar descarregavam aqui o seu peixe e pagavam os impostos no Posto da Guarda Fiscal. Este posto fiscal foi aqui construído nos anos quarenta quando a pesca do pilado floresceu e a praia da Fragosa se transformava em ruidosa praça de mercado aonde acorriam os lavradores das terras de Faria e da Maia a disputar aquele apreciado fertilizante.

Logo após a Fragosa temos, seguindo sempre para norte, a praia da Amorosa a qual o povo do lugar, pitorescamente, apelida de “Praia da salada” pela grande quantidade de algas verdes, semelhantes a alface, que crescem nos afloramentos graníticos marinhos. Vem a propósito referir a actividade da apanha do sargaço com profundas raízes históricas no litoral nortenho pois se regulava pelas disposições foraleiras, e a miúdo, se via confrontada com os rigores da legislação eclesiástica. Para a paróquia de Amorim, possuidora do desfrute das praias de Aver-o-mar, existe abundante legislação canónica sobre os “costumes” da apanha do sargaço e os inúmeros contenciosos que daí resultavam. Hoje, são poucos os sargaceiros existentes no nosso litoral e os poucos que há são, sobretudo, de Aver-o-mar. A arte da apanha, outrora praticada com jangadas, os denominados “cortiços”, modificou-se pois já não existem “mariadas” e a apanha é selectiva, feita à mão com um ganha-pão. A carrela do transporte quase desapareceu substituída por involucros de latão, improvisados e adaptados a um tractor. Outro trabalho é separar as algas destinadas à indústria das que se destinam à fertilização dos campos. Os sargaceiros de Aver-o-Mar são habeis nessa destriça porque conhecem muito bem toda a variedade de plantas marinhas havendo famílias inteiras a viver da apanha e venda de algas. Esta safra tem o seu ponto alto nas marés vivas de Junho a Setembro, e anda, hoje, controlada pelo Estado que fixa por portaria os preços de compra e venda para cada safra. Isto só com as algas destinadas à indústria ou à exportação. As espécies mais abundantes, em Aver-o-Mar, são o Botelho, a Francelha, as denominadas Folhas de Maio ou Corninhos, as Cintas em forma de filamentos e o Sargaço Mole.

Avancemos para norte lançando um último olhar de saudade às medas colmaças que ainda restam de antigas “mariadas” e a duas “catraias” meio apodrecidas ao canto da restinga, ex-libris, da caça ao pilado. Ao largo divisamos o Penedo do Navio e o Penedo do Sol ficando-nos à esquerda o Penedo Velho, o Redondo e a Lariga. Altaneiro, referência obrigatória de todo o mareante, atrai-nos o olhar o Penedo da Forcada. Chegamos à desembocadura do rio do Esteiro.

O ribeiro do Esteiro desce da encosta poente do Monte da Cividade, em Terroso, recolhe as águas remanescentes das profundas minas de Chamoziños, lima os campos e movimenta as azenhas de Sesins e, por entre canaviais, atravessa a freguesia de Aver-o-mar, transformando-se em escoadouro de toda a espécie de detritos domésticos. Na maré-cheia, o mar vem amigamente salgar-lhe a podridão e arrasta-la para o profundo. Outrora, o ribeiro corria livremente e formava junto da capela de N.ª Sr.ª das Neves uma pequena pérgula que deu origem ao topónimo “Perlinha” que identifica aquele lugar. Abriram-lhe aí depois, uma passagem subterranea e, em outros diversos lugares, mudaram-lhe o curso original. Por fim, pretendem despolui-lo e fazer dele um espaço de lazer; dessas obras daremos conta adiante.

Para norte do Esteiro desenvolveu-se, sobre o areal, um denso povoado sem qualquer ordenamento dando origem aos lugares da Aldeia Nova e Boucinha. As suas praias, Esteiro e Chalo, são hoje utilizadas para veraneio mas é grande o contraste entre o macio das areias e o poluimento das águas. O mesmo acontece com as praias do Quião e da Cruzela.

O escritor abremarensense Francisco Gomes de Amorim que, em criança, trocava os caminhos lamacentos da escola de Cadilhe pelas correrias nas fofas areias das praias da sua terra, enumera-as do Esteiro para o norte: Chalo, Quião, Canas, Bocas; Carreiro, Aradinha em frente a Santo André. Referindo-se à costa escreve: “A costa é, de espaço a espaço, povoada de

extensas penedias, que em muitos sítios avançam mais de um quilómetro pelo mar dentro. Nos intervallos de uns e outros rochedos formou a natureza pequenos canaes, por onde, nos dias de bom tempo, saem os bateis de pesca, muitos dos qaes nem sempre tornam a voltar, se encontram os temporaes nas grandes longitudes a que elles se aventuram”.

Em Santo André está a divisória com a freguesia de Aguçadoura criada em 1933 por desanexação da antiga paróquia de Navais. O lugar é teofanico. Um pouco abaixo da Capela, em pleno areal, destaca-se um alto penedo onde o apóstolo André deixou gravados os seus pés. É esta a lenda. O culto do santo anda envolto em algumas superstições, a maior das quais diz respeito ao destino eterno das almas. O Santo é representado sobre um barco conduzindo as almas, tal Caronte, a bom porto. A classe piscatória da Póvoa de Varzim dá a esse culto uma tonalidade trágica deslocando-se, em numerosos grupos, na noite da vigília da festa, entoando canticos dolentes e preces angustiantes até de madrugada em redor da capela e junto ao penedo do Santo. As preces visam, sobretudo, sufragar as almas daqueles que morreram no mar e continuam insepultos.

Toda a freguesia de Aguçadoura assenta sobre areia acumulada por cima de um substrato xistoso, visível na praia. Para norte de Santo André a linha da costa é quase rectinínea e inteiramente arenosa sendo as areias muito finas e as praias pouco inclinadas. A primeira praia, depois de Santo André chama-se da Pedra Negra alusão a uma penedia que fica ao largo, de natureza xistosa. Esta praia é, hoje, uma excelente zona balnear, muito frequentada e com boas condições de segurança. Seguem-se as praias da Caturela, Paimó e Codixeira onde outrora existia o Facho da Atalaia e, hoje está, um pequeno sinal luminoso para as embarcações. Por último, a praia da Barranha que toma o nome de um ribeiro que desce do Alto das Póvoas, em Terroso, atravessa a freguesia de Navais, desaguando nos fieiros de Aguçadoura.

Um relatório de 1908 para o Departamento Marítimo do Norte informa: “ há na praia de Aguçadoura um grande número de barracas cobertas de palha destinada a guardar embarcações, aparelhos de pesca e sargaço ... estes barracos são feitos de madeira, com pedras nos ângulos. Como estão construídos a poucos metros do mar, durante as marés vivas alguns são destruídos “. Menos vocacionados para a pesca, que os de Aver-o-mar, os aguçadourenses dedicavam-se com o mesmo afã à recolha do sargaço para a fertilização das culturas. A apanha das algas obedece a normas regulamentares, oficiais, carece de licença passada pelos Departamentos Marítimos e é proibida nos meses de Maio e Junho. A apanha tanto se faz a pé, como de barco ou jangada de cortiça (cortiços). O pilado também constituiu um labor apreciado e os de Aguçadoura tinham um jeito próprio de o pescar, como relata J. de Azevedo: “ Saíam para o mar dois barcos juntos, com três homens cada. O mais pequeno chamado de caceio-largava as redes, e o maior chamado barco paixão – armazenava o produto a bordo. “ Estas actividades, umas desapareceram outras estão em franco declínio.

Como dissemos, toda a freguesia de Aguçadoura e a parte litoral da freguesia da Estela a antiga Vila Mendo é constituída por solos arenosos de propecta antiguidade formando dunas, ao longo da costa, e também no interior por acção dos ventos fortes que a varrem (dunas eólicas). Debaixo deste solo, seco e infertil, corre um manto de água doce e foram estes “aquíferos” que despertaram os naturais para a ingente tarefa de remover as areias até encontrar a argila negra com vegetais (solão) que serve de plataforma para o novo campo de cultura. O estudo geológico do terreno mostrou que “ ... com esta argila vem misturada, a pequena

profundidade. uma assentada de calhaus rolados... e a argila começa a mostrar indícios de umidade. Continuando a aprofundar um pouco mais, encontra-se o calhau rolado mais ou menos solto (godo) e finalmente areia grosseira. É nesta série inferior, de calhau rolado e areia, que aparece o lençol aquífero“. Nasceram, assim os denominados “Campos Masseur” pela sua configuração se assemelhar a caixas rectangulares com os lados inclinados onde se costuma amassar o pão. O campo, aberto na duna, fica protegido por valados ou medos de areia que o defendem dos ventos, concentram a radiação solar e aumentam a temperatura, factores que melhoram o desenvolvimento das culturas e a qualidade dos produtos.

Os “Campos Masseur” situam-se em grande parte no Rio Alto, freguesia da Estela, chegando até à freguesia da Apúlia, concelho de Esposende. Por Rio Alto entende-se o sítio que tira o nome de um ribeiro que nasce na Fonte de Rapejães em Laundos, atravessa aquela freguesia e a da Estela, indo lançar-se ao mar na Praia do Rio Seco, território de Apúlia. A formação de medos de areia ao longo da costa, alguns com 30 a 40 metros de altura, obrigaram o curso deste ribeiro a mudar de rumo cavando uma linha paralela ao mar, no sentido norte e forçando os sucessivos desaguadouros quando no inverno as águas ganhavam a força das torrentes. De resto, os efeitos erosivos das areias, arrastadas pelos ventos, são nefastos nestas zonas, como se comprova pelo desaparecimento total da Vila Mendo de matriz luso-romana e que ainda na Idade-Média mantinha algum valor enfitéutico. Para obstar a essa perniciosa invasão, algo adiantava a proliferação de hervagem, fenos ou chorões, mostrando-se porém mais eficaz o plantio de espécies florestais, como fizeram os frades de S. Bento no princípio do Séc. XIX (1801) semeando um pinhal que “terá de comprido meia légua e de largo dez varas para ter mão nas areias, que inundarão as terras já reduzidas a cultura, pois só por este modo se pode impedir tão grave ruína segundo mostra a experiência.”

O Rio Alto, no seu antigo estado selvagem, guardava interesses de variada ordem. Para além das ruínas da Vila Mendo e do seu precioso tesouro possuía uma lagoa, denominada lagoa de Contriz, onde nidificavam patos bravos e outros palmípedes. Sobre esta lagoa deixou-nos o Ten. Veiga Leal, governador da Fortaleza da Póvoa de Varzim (1758) uma curiosa informação: “Mais para norte (da Póvoa de Varzim) distante d’aquí légua e meia, no mesmo termo de Barcellos, freguesias de Stª Maria da Estella há uma lagoa chamada de Contriz, que fica no areal. e nunca seca. Dizem os naturais que tem correspondencia com o mar porque em seus limos se ve um marisco, a que chamam caramujo: tem no meio uma profundidade, cuja altura d’água é insondável, pela tradição de que se ali cae qualquer animal, aquella o absorve, e por isso ninguém a ella se chega“.

As praias da Estela são, morfológicamente, idênticas às de Aguçadoura, muito planas e de areia fina. A da Aradinha situa-se depois da do Penedo onde esteve, em tempos, o Facho da atalaia da Estela e a da Ramalha entra já pela Apúlia dentro. São lugares aprazíveis quando não sopram os ventos rijos do norte. A grande transfiguração do Rio Alto atingiu também estas praias, assunto que trataremos no próximo capítulo.

II

A acção do homem sobre a natureza

A aptência da enseada de Varzim para a construção de um porto de abrigo que amparasse as pescarias em grande aumento, na época, fora realçado pelo noticiário Veiga Leal (1758): “Há n’esta villa uma das melhores enseadas d’este Reino; a natureza por disposição do athor d’ella a formou. e se a arte por mandato do Rei e Senhor a aperfeiçoasse seria uma maravilha da Europa.” Embora exagerada, como reconheceu o historiador Manuel Silva, a narrativa de Veiga Leal anda confirmada, no que diz respeito aos préstimos à pescaria, pela informação que o piloto das naus José Gomes Alves (1775) deixou sobre a planta por ele mesmo desenhada e onde se lê: “Esta ensiada da Póvoa de Barzim hé muito boa pera o trafego da pescaria e nela se pode fazer hum bom porto para segurança das lanchas de pesca fasendose um caes sobre as pedras do nº1 e fasendose entulhar athe o nº2 que hé este”. (fig.3)

O relatório de Lacerda Lobo (1789) sobre o estado das pescarias no reino apresenta o mau estado das barras, desprotegidas, como uma das causas da decadência das pescas. A barra da Póvoa em especial, há muito se transformara num verdadeiro túmulo. Um recente estudo sobre a morte no mar deixa-nos dados muito elucidativos sobre o século XVIII no decurso do qual a mortalidade no mar representa, em média, cinquenta por cento dos indivíduos do sexo masculino.

A situação precária em que se realizava a faina da pesca só, tardiamente, despertou o interesse dos poderes públicos locais receosos de terem de suportar impostos acrescidos. Só quando o dinheiro do cofre das sisas começou a ser cobiçado pelos vizinhos ou desviado para obras que nada diziam aos interesses da terra, cuidaram de colher dele algum proveito. Muito lhes valeu a acção determinada do Corregedor Almada e Mendonça para dar valimento aos requerimentos enviados ao paço. Por sua pertinente audácia devem os poveiros a provisão régia de 21 de Fevereiro de 1791, um documento que transformou a imagem urbana da Vila. Entre as “providencias” ordenadas está a construção de uma caldeira no mar e a dita “caldeira será cercada por hum caes que a defenda da violência dos temporaes.” Começa, aqui, a história do Porto de Abrigo da Póvoa de Varzim que, por mais de centena e meia de anos, animou a vida política local e foi objecto das incertezas e das esperanças dos poveiros .

Apoiados no livro manuscrito “Reas Obras da Villa da Póvoa de Varzim” (1791/1820), nos estudos de Manuel Silva, “Antecedentes Históricos do Porto de Abrigo Poveiro” e “A última fase do Porto de Abrigo Poveiro (1820 / 1895); em Vasques Calafate desde 1925 a 1962, Baptista de Lima (1962) e Relatórios da Junta Autónoma dos Portos do Norte, elaboramos uma relação cronológica das obras do porto da Póvoa de Varzim para auxílio dos estudos, como se segue:

1791 – Provisão de D. Maria I ordenando a construção de uma Caldeira e um cais para abrigo das embarcações de pesca na enseada da Póvoa de Varzim.

1794 – Na folha de fêria das Obras Reais da Vila da Póvoa de Varzim assinala-se o primeiro pagamento a 9 pedreiros e 22 trabalhadores das obras da Caldeira da Barra.

1811- Devido a uma terrível peste que se abateu sobre a Vila todas as receitas do cofre

das sisas foram dirigidas para debelar a terrível moléstia fazendo parar todas as obras públicas.

1816 – Retomam-se as obras públicas por urgente pedido do Juiz de Fora António Lopes Serra para evitar a ruína e perda total do paredão do mar.

1820 – No fim deste ano, em razão das alterações políticas provocadas pelo novo regime, todas as obras públicas entram em inacção.

1821 – É eleita uma Comissão que representou ao Soberano Congresso a urgência em dar continuidade à obra do Paredão para “... se fechar este em círculo de esquadria na ponta da parte do mar como pelos lados e por cima ... antes que as enflorações do mar derramem a pedra pelas praias”.

1823 – Por ordem superior foi a Câmara encarregada de dar continuidade às obras do Paredão conforme a representação feita em 1821. A Câmara começou por ceder aos empreiteiros um enorme maciço rochoso, denominado Penedo-Baleio sito no lugar da Gandra, para dele extrair as cantarias necessárias ao cabeço do Paredão.

1826 – No Verão deste ano foi dado por concluído o encabeçamento do Paredão.

1860 – A Câmara alerta as Côrtes para a ruína em que estava o Paredão e pede que a 6ª parte das rendas da Vila se destine a obras de restauro. Nos anos seguintes repetiu-se o mesmo pedido.

1867 – Visita o Paredão o Cons. Andrade Corvo, Ministro das Obras Públicas.

1872 – O Rei D. Luis visita a Póvoa e ouve lamentações trágicas sobre a situação das pescas, da vida dos pescadores e do muito dinheiro gasto inutilmente na barra.

1877 – O 1º Juiz da Comarca Dr. Alexandre Meireles de Távora do Canto e Castro redige e manda publicar na imprensa do país uma veemente súplica, endereçada ao Rei, pedindo obras complementares no porto de abrigo da Póvoa para impedir os contínuos naufrágios que lá ocorrem.

1877 – O Rei D. Luis passa pela Póvoa, ouve no comboio a representação das autoridades mas não sai da carruagem nem visita o Paredão como se anunciara, tendo o facto merecido o desagrado da população.

1882 – O consagrado escritor Oliveira Martins dirige ao Monarca, em nome dos poveiros, um vivo e irreverente requerimento conhecido, literariamente, por Requerimento dos Poveiros.

1887 – Instala-se na Póvoa o Eng. Henrique Moreira com o fim de proceder ao levantamento do novo projecto para a enseada. Constava ele do prolongamento do molhe norte acrescentando-se de novo um molhe a sul da enseada com 358 metros.

1887 – O Rei e a Rainha, com os filhos, visitam a Póvoa para lançar a 1ª pedra das novas obras do Paredão. A recepção foi apoteótica.

1890 – Postas a concurso, as obras do Paredão foram arremetadas pela Companhia Nacional de Construções por 255 contos de reis.

1891 – À crise financeira e política, provocada pelo “Ultimatum” vem juntar-se a denominada “Questão dos Práticos” que consiste numa radical campanha contra o projecto do Eng. Henrique Moreira, movida por alguns pescadores práticos.

As alterações propostas foram apresentadas ao Governo pela Corporação dos pescadores, a Irmandade de N. Srª da Assumpção. (fig.4)

1892 – Neste ano deu-se a tragédia de 27 de Fevereiro que realçou a carência de um porto de abrigo que o fosse de verdade, obrigou o Estado a rever o projecto das obras e, perante as incertezas dos técnicos e o incomprimento das cláusulas financeiras, a companhia construtora rescindiu o contrato.

1925 – O sociólogo poveiro Vasques Calafate inicia uma árdua campanha em favor da construção do porto de pesca. Apoiar a tese do deputado Santos Graça para que se contraia um empréstimo para a obra e sugere que se cativa 50 por cento do rendimento do pescado e se imponha um imposto progressivo de 5 a 100 escudos sobre prédios rústicos e urbanos para a amortização do empréstimo. Sem êxito.

1928 – Por acção política de Santos Graça é criada a Junta Autónoma do Porto da Póvoa de Varzim que nesta data entrou em funcionamento. Pela denominada “Lei dos Portos” foi o nosso porto classificado de 2ª classe e a Comissão de Obras Portuárias colocou-o em primeiro lugar, na zona norte, para ser construído.

1935 – Início das obras do Porto de Abrigo pela empresa alemã Grün e Bilfinger que construiu o molhe norte e a doca.

1939 – Alegando motivos técnicos que obrigavam a novo orçamento e à alteração do contrato, a empresa alemã rescinde o contrato suspendendo as obras com cerca de 300 metros de molhe feitos faltando 125 para o concluir.

1940 – O governo decide construir o molhe sul decorrendo as obras entre 1943 e 1946.

1962 – Após apurados estudos e ensaios no Laboratório de Engenharia Civil foi elaborado nesta data um projecto de melhoramento do porto que ficaria conhecido por Projecto Arantes e Oliveira.

1968 – São inauguradas as obras do Projecto Arantes e Oliveira. Com o prolongamento do molhe norte melhoraram imenso as condições de trabalho dos pescadores pois as embarcações entravam e saíam da barra, em segurança, mesmo quando faz “muito mar”.

1973 – Melhoram-se as condições de fundeadoiro e acostagem pelo quebramento de rochas e dragagem da enseada. Neste ano procederam a reparação do cabeço do molhe norte protegendo-o com enormes blocos de betão.

1974 – Iniciaram-se as obras das infraestruturas marítimas no núcleo das pescas.

1978 – Prolongamento do cabeço do molhe norte, desobstrução do canal de acesso ao cais invadido pelos enrocamentos, instalação de nova sinalização luminosa e sonora, dragagens e corte de rochas para melhorar a cota dos fundos.

1982 – Inicia-se a construção dos equipamentos complementares: Lota, Torre de Observação, Capitania, Guarda Fiscal, Serviços Administrativos, etc.

Posteriormente, outras obras se realizaram no interior do porto de pesca mais orientadas para o desporto e o turismo.

Dentro do perímetro da enseada mas já na orla costeira, em terrenos de areia, instalaram-se, no decurso dos tempos, vários equipamentos de apoio à actividade piscatória. Em 1701 inicia-se a construção da Fortaleza de N. Srª da Conceição logo interrompida e só retomada em 1738 para ser inaugurada dois anos depois. Destinava-se a defender a barra e a povoação de possíveis desembarques da pirataria.

Em 1770 chegou à Póvoa a devoção a N. Srª da Lapa veiculada pelo P. Angelo de Siqueira, missionário apostólico, e logo trataram de lhe erigir uma capela no antigo lugar do

Facho. Esta capela mais tarde aumentada seria escolhida em 1935 para sede da paróquia da Lapa nessa época criada. Refira-se que na cabeceira poente da capela fora construído em 1857 um farol para que, conjugado com o farol de Regufe, apontasse aos barcos o enfiamento da barra. Foi demolido em 1968 quando os sinais luminosos passaram para a cabeça do paredão.

Em 1904 ao lado da Igreja da Lapa foi construída a Escola Pereira Azurara e em 1927 a Casa dos pescadores onde se congregavam os serviços sociais da classe piscatória.

Para norte do porto de pesca existiam outras pequenas enseadas onde, ocasionalmente, aportavam os barcos. Uma delas tem interesse histórico, a enseadinha da Regoiça já dentro do termo antigo de Barcelos, pois aí floresceu o estaleiro da construção de barcos que primeiro se documenta. Esse estaleiro era uma autentica escola de carpintaria naval. Em 1594, Miguel Gomes de Vila do Conde contrata com Amador João, mestre carpinteiro da ribeira, “... asoldadar o seu filho João da idade de quinze para dezasseis annos para o dito Amador João lhe ensinar o officio de carpinteiro da ribeira por tempo de cinco annos... de maneira que seja official que possa aver de ganhar jornal ... e durante o dito tempo lhe dará de comer beber vestir he calsar de vida boa he onesta e tudo o que o dito seo filho João ganhar será para elle Amador João...he no cabo dos ditos cinco annos lhe dará sua ferramenta he vestido he todo o maes que hé uso e costume darse aos maes que ho dito officio aprendem ...” Documentos como este aparecem, frequentemente, durante o séc. XVII, nos notários da Póvoa. Depois de habilitados por estes mestres, os jovens matriculavam-se na Ribeira das Naus, em Lisboa, ou na Ribeira do Ouro, no Porto, para conseguirem a carta profissional e os privilégios a ela anexos.

Os estaleiros da Regoiça que no Séc. XVIII estavam na posse da família Rodrigues Maio passaram, no século seguinte, para a Caverneira conforme acordo com a Câmara.

Tanto a praia da Regoiça como a da Salgueira recuaram bastante e esta, sobretudo, perdeu a sua imagem antiga dominada pelo Penedo do Coim, imensa mole granítica que as ondas do mar beijavam suavemente e os banhistas usavam como miradouro . Com a descida do mar, o penedo do Coim acabou por ser coberto pelo areal servindo uma parte para apoio da Esplanada construída em 1931.

Estas praias foram as primeiras utilizadas para os banhos do mar. Em 1783, a rua que lhes dá acesso tem já o nome de Rua dos Banhos. Esta rua sucessivamente alargada e alongada até ao Alto Martim Vaz passou a denominar-se Avenida dos Banhos onde se instalaram os Banhos Quentes e os palacetes das famílias burguesas do Baixo- Minho.

Outro sítio que os antigos não reconheceriam é, com certeza, o Alto de Martim Vaz. Aqui a mão do homem deixou marcas profundas ocupando grandes espaços, criados pelo assoreamento da costa, com instalações desportivas. Junto ao mar nasceu, aí por 1910, o Velódromo Municipal, a última obra da Monarquia, mais tarde transformado em Estádio Gomes de Amorim (1925) por acção benemérita de um “Brasileiro” da família dos Bonitos de Amorim. Pelo nascente da avenida aparece o estádio do Varzim, construído nos anos quarenta e as instalações do Club Desportivo da Póvoa, estas mais recentes.

No litoral de Aver-o-mar deve-se destacar a obra de engenharia hidráulica realizada no Rio Esteiro. Depois de regularizado o leito do rio, e consolidadas as margens com taludes de betão desde a rua do Barão de Aver-o-mar até ao desaguadouro , foi coberto com um passadiço de madeira em grande parte do leito , procedendo-se à recuperação paisagística da zona envolvente, com equipamentos e espaços de lazer incluindo um circuito para bicicletas. (fig.5)

Passemos, agora, ao litoral de Aguçadoura onde se desenvolveram actividades nefastas com a extracção de areias junto ao mar tendo este ameaçado atingir as habitações. Perante a passividade das autoridades e tomando consciencia do perigo que havia para a sua segurança, em 1968 a população revoltou-se e impediu a actividade dos “Areeiros” negócio em grande prosperidade. Infelizmente, o negócio continuou passando-se da praia para o campo, ou seja, atingindo os “campos masseira” e as dunas do Rio Alto.

Aqui, o homem começou por exercer obra destruidora que, mais tarde, vai tentar colir com iniciativas no ambito do turismo, pretensamente ecológicas.

O escritor poveiro José de Azevedo historia os factos desta forma:

“ Até 1945, todo o Rio Alto era uma extensa área de pinheiros mansos, de tronco retrocido, com configurações curiosas, mercê dos ventos da beira-mar. Era uma região única, paradisíaca, que servia de ilustração das revistas e jornais da época. Um património florestal a respeitar.

No final da guerra , entre 40 e 50, os proprietários foram dizimando as arvores, ora para fazer lenha, ora para venda aos estaleiros navais, já que a sua forma servia as mil maravilhas para a quilha das embarcações. Foi o primeiro desastre, perante a complacencia das autoridades. O pior viria a acontecer nos finais dos anos sessenta, altura em que chegou à Póvoa a febre da construção. Como a areia subiu de cotação – diziam os estelenses que a sua areia tinha a cor do ouro – os proprietários dos areais derrubaram o que restava dos tais pinheirinhos tortos para venderem as areias aos construtores. As autoridades tentaram intervir mas não havia lei que os proibisse de tal devastação.

Quando chegou a lei para regular a retirada das areias e abate das árvores no litoral já o negócio dos “areeiros” estava de tal forma enraizado que não foi difícil convencer os proprietários a venderem os vales dos próprios campos-masseira substituindo-os por estufas artificiais. E assim vemos morrer um pedaço da alma da Estela e uma das atracções turísticas do Concelho da Póvoa de Varzim.”

A partir dos anos oitenta, o Rio Alto começou a despertar a atenção dos investidores turisticos tendo a Câmara da Póvoa aprovado, em 1982, um projecto da empresa SOPETE, concessionária do jogo no Casino, para a construção nas dunas do Rio Alto de, um campo de golf e um parque de campismo, obras inauguradas seis anos depois. Estes equipamentos desportivos exigiram outras instalações de apoio transformando aquele espaço aberto numa mini-aldeia turistica. E todos quantos conheceram o antigo Rio alto, ao chegarem exclamam: (fig.6)

- Quem te viu e quem te vê!...

Fontes Manuscritas

A.D.P. – Governo Civil – Reais Obras da Villa da Póvoa de Varzim; Livros 121,122,123. 1791 a 1796, 1796 a 1806, 1806 a 1820.

A.D.B – fundos Conventuais . Mosteiro de Tibães

A.D.P. – Notários, Póvoa de Varzim, 1º Cart. 1ª Série

Bibliografia

Amorim, Manuel.

- Duzentos e Cinquenta anos da Freguesia de Beiriz; Póvoa de Varzim, 1972. - A Póvoa antiga. Dois estudos sobre a Póvoa de Varzim, 1983 - Aver-o-Mar e a sua Igreja; Tip. Camões, Póvoa de Varzim, 1983

Anónimo

- Plano Hidrográfico dos Portos da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde. Costa Oeste de Portugal, Lisboa, Ministério da Marinha / Direcção de Hidrografia, p. 1913 - Porto de Pesca da Póvoa de Varzim, Lisboa, Ministério das Obras Públicas. Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, desdobr. (260 x 110) 18 p. 1968
- História e Situação Actual do Porto de Pesca. 8 de Março de 1978, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 5fl., ex. mimeogr., 1978
- Junta Autónoma dos Portos do Norte. Relatório da Gerência – 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, Viana do Castelo, Junta Autónoma dos Portos do Norte, p. 17, 23, 28; 18-21, 24, 29; 15-17, 21, 26; 16-17, 22, 27, 36-37; 21-22, 25, 30, 40-41; 1978
- Direcção Geral de Portos. Porto da Póvoa de Varzim . Revisão do Plano Geral. Relatório Final, Lisboa, Hidrotécnica Portuguesa, 11fl. + 5 Des. (planos), ex. mimeogr. : * 1 – Plano Geral de Pleno Desenvolvimento, 1972; 2 – Implantação Geral das Obras de 1ª fase em execução; 3 – Frota a motor em actividade no Porto à data de Fevereiro de 1978; 4 – Estudo da Zona de estacionamento. Solução final aprovada; 5 – Plano Geral de pleno Desenvolvimento. Revisão de 1979; 6 – Plano Geral de Pleno Desenvolvimento – Revisão 1979. Implantação sobre o firme rochoso;
- Resumo Histórico e Situação Actual do Porto da Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, Junta Autónoma dos Portos do Norte, 4fl. Fotoc.dactilo., 1982

Arantes e Oliveira, Eduardo

- Porto de Pesca. Discurso proferido de improviso pelo Senhor Ministro das Obras Públicas, Engº Arantes e Oliveira, na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, em 1 de Junho de 1958, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 1fl. Dobr. em 4 p.;

Azevedo, António Pimenta , et al.

- Estudo Matemático do Molhe Norte e Sul da Enseada da Póvoa de Varzim, Trabalho do professor e alunos do 11º B da Escola Secundária Eça de Queiroz, Póvoa de Varzim, Escola Secundária Eça de Queiróz, 15 fl.* ex. edit comp., 1996.

Azevedo, José

- Póvoa de Varzim: Litoral e Banhos. Palestra em acção de Formação para Agentes Culturais e Turísticos, 1997

Barbosa Viriato

- A Póvoa de Varzim . Monografia histórica, 1937

Barbosa, Fernando - O Concelho da Póvoa de Varzim no Séc. XVIII (Memórias Paroquiais) in B.C. Póvoa de Varzim, Vol. I, nº 2, 1958

Barbosa, Jorge

- Toponímia da Póvoa de Varzim. 6 Vol, 1970 a 1997

Borges, Júlio

- Aguçadoura – Monografia, 1990 - Junta de Colonização Interna. Aguçadoura. Estudo Económico Agrícola, 1944

Calafate, [Caetano] Vasques

- Verbo, Vigor e Acção – Colectania de estudos, Porto, 1967 - Importância dos pequenos Portos no Mercado Nacional de Pescarias, Tese apresentada ao II Congresso Nacional de Pesca, 1947 - O porto de pesca da Póvoa de Varzim . Necessidade e Justificação da sua construção, Tese apresentada ao “IV Congresso Nacional de Pesca. 1955”, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal 35 p.;

Campos, João Pedro da Silveira

- [Acerca do Mau Estado do Nosso Porto de Pesca] Carata ao Senhor Presidente do Conselho. 7 de Março 1946, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 12fl., fotocop. Dactilo.

Cesár, Mário

- O “Regimento dos Fachos” de 1831 in B.C. Póvoa de Varzim, Vol.VI, fl.220

Cunha, Paulo

- Os cinco Portos do Minho. Caminha, Viana do Castelo, Esposende, Póvoa de Varzim, Vila do Conde; Lisboa, Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução, fl. 53 – 67, ex. mimeogr., 1977

Fortes, José

- Os restos de uma villa Lusitano-Romana, Porto, 1905

Frei António do Rosário

- O tombo de Argivai de 1589 in B.C. Póvoa de Varzim, Vol XX, nº1 e 2, 1981

Gomes de Amorim, Francisco

- As duas Fiandeiras, Lisboa, 1881

Jacques, Alberto

- O Porto de abrigo e a Indústria de Pesca na Póvoa de Varzim. Exposição feita pelo Exmo Capitão-Tenente ..., por ocasião da visita do Exmo. Ministro da Marinha, Póvoa de Varzim, Tip. Frasco, 13 p., 1924

Lacerda Lobo, Constantino Botelho de

- As pescarias da Póvoa de Varzim em 1789, editado na Colecção, “Estudos Poveiros” nº2, 1955

Lanhoso, A. Coutinho

- As obras de melhoramento do porto da Póvoa de Varzim e a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, BCPV, XI-1, p. 35 – 53; 1972

Lima, Baptista de

- Porto Poveiro. Arquivo e divulgação dum elucidativo documento de Obras Públicas, Póvoa de Varzim, Tip. Camões, 30 p., il., 1962

Loureiro, Adolfo

- Porto da Póvoa de Varzim, in “Descrição dos portos Marítimos de Portugal e Ilhas”, Lisboa, vol.º 159-178;1909

Neiva, Manuel Albino Penteado

- Subsídios para a história do Porto Fluvial de Esposende no Século XIX, ACSGEM, vol.II, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, p. 127-129, 137, 1985

Oliverira Martins, J.P. de

- Requerimento dos Poveiros, 1882, publicado na colecção “Estudos Poveiros, nº1, 1955

Oliveira Ramos, Luis António

- Fomento Rural na Estela (Fins do séc. XVIII. Princípios do Séc. XIX) in B.C. Póvoa de Varzim, Vol. XVI, nº1, 1977

Ortigão, Ramalho

- As Farpas. Os Nossos Filhos. Instrucção Pública, Lisboa, Companhia Nacional Editora, T. VIII, p. 188 – 189; 1889

Silva, Manuel

- Antecedentes Históricos do Porto de Abrigo Poveiro, IN, 1 Dez 1934 / 12 Jan. 1935, (Transc- em BCPV, II- 2, 1959, p.238-251), 1934 - A última fase do Porto de Abrigo Poveiro, IN, 19.Jan./30. Março, * Transcr. BCPV, II-2, p. 252 – 281, 1935

Soares de Pinho, Manuel

- A morte no mar. B.C. Póvoa de Varzim, Vol.XXXIV, 1998-99

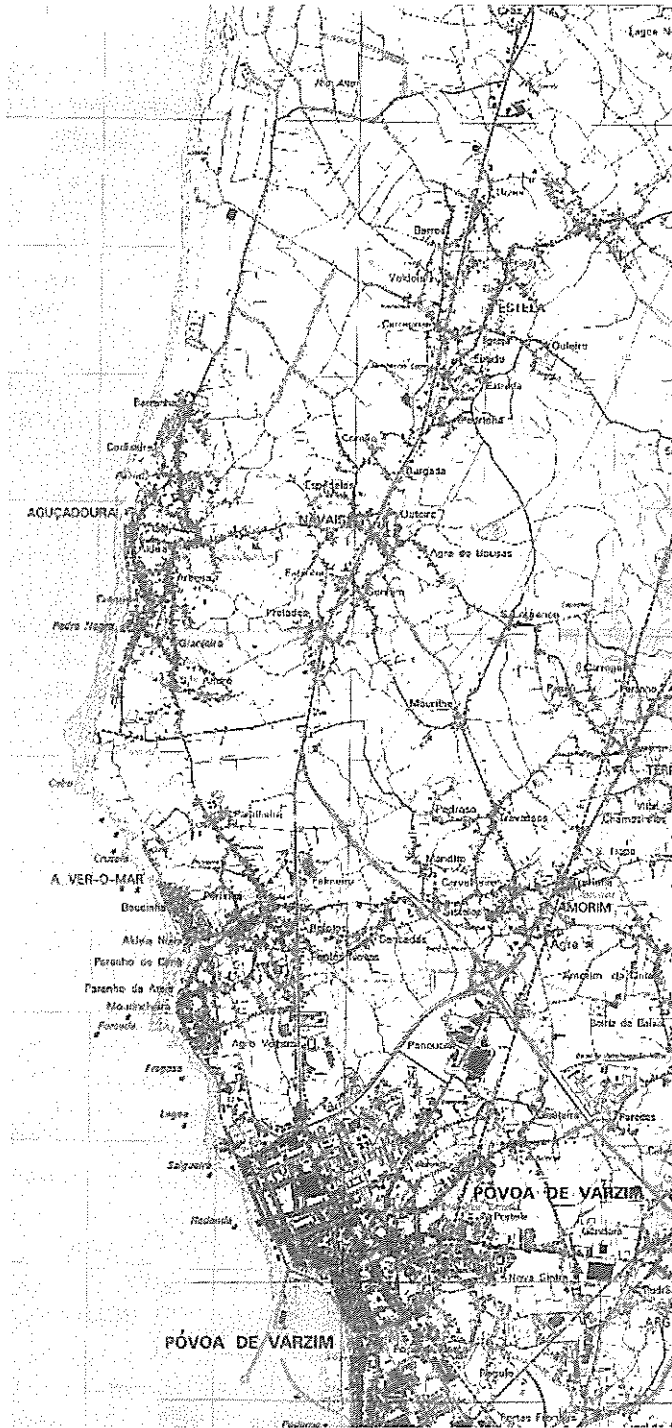


Fig. 1 – Carta do Litoral do Concelho da Póvoa de Varzim (extracto da Carta Militar).

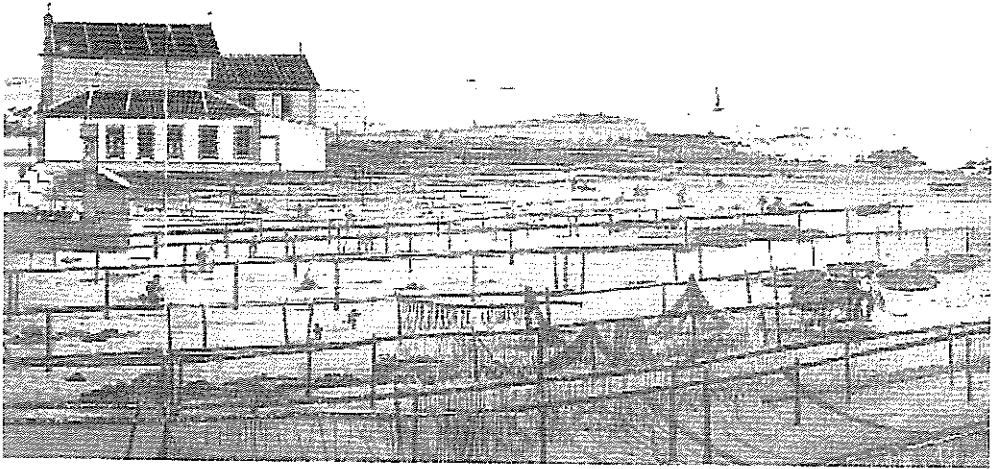


Fig. 2 – Gravura do fim do séc. XIX vendo-se o sítio da Areosa com os varais, a Igreja de S. José e a Escola Camões, tudo demolido para a construção do Passeio Alegre. Ao fundo o primitivo cais com o encabeçamento de 1826.

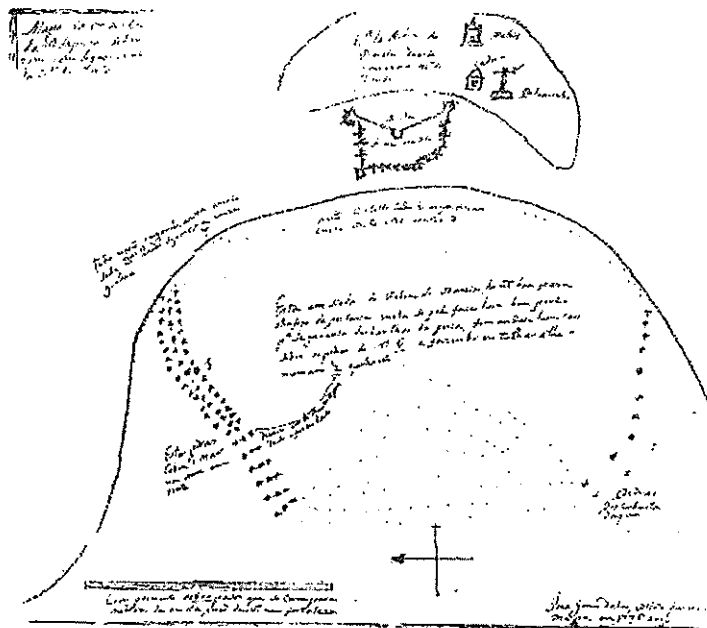


Fig. 3 – Desenho da ensxada feito pelo piloto José Gomes Alves em 1775.

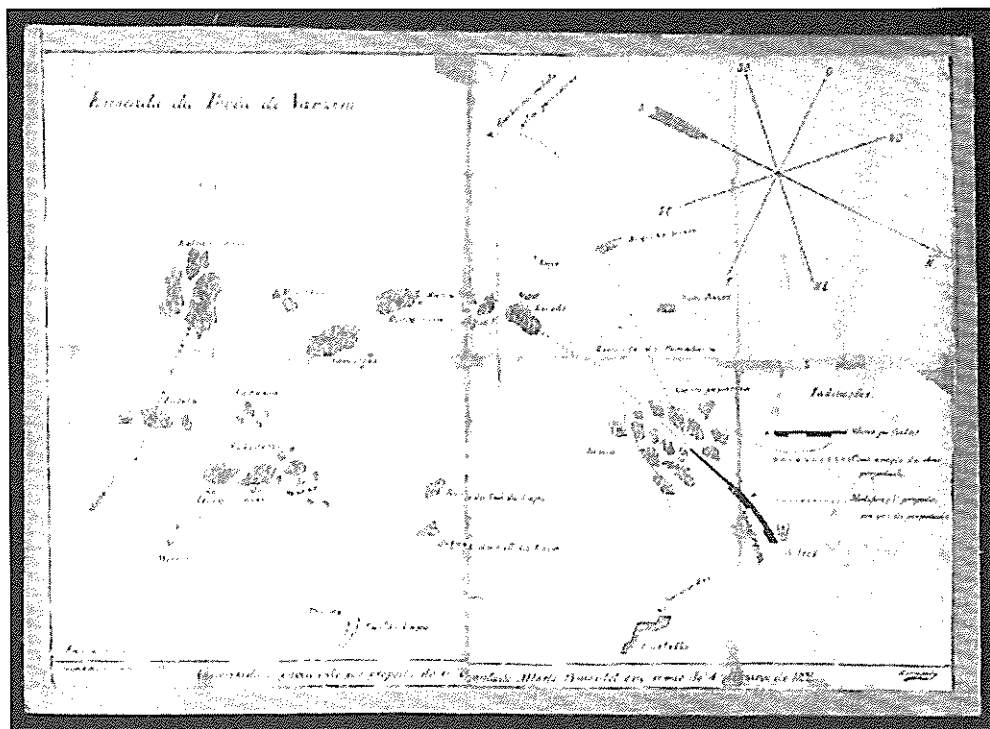


Fig. 4 – 1892: Mapa da enseada com a versão dos “práticos” sobre a melhor orientação do molhe norte.

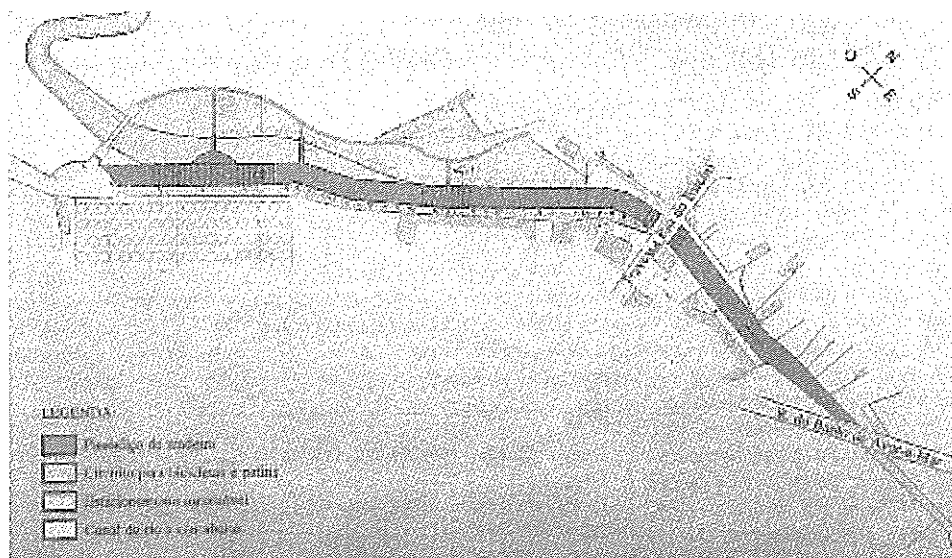


Fig. 5 – A cobertura do ribeiro do Esteiro em Aveiro-o-Mar.

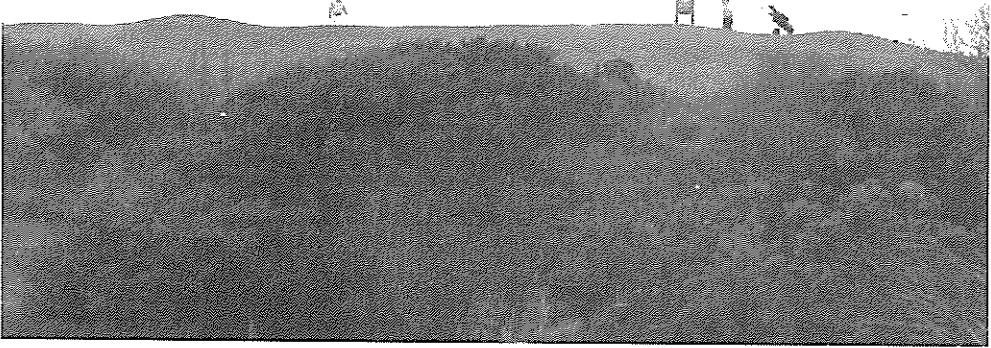


Fig. 6 – O campo de Golf do Rio Alto construído sobre as dunas.